



ELEIÇÕES

Executiva do PSDB rejeita João Doria

Dirigentes da sigla reforçam posição contra a pré-candidatura do ex-governador ao Planalto. Impasse trava definição da 3ª via

» VINICIUS DORIA

Com 38 participantes em uma composição amplamente desfavorável ao pré-candidato à Presidência João Doria, a Comissão Executiva do PSDB — em versão ampliada, com a presença de deputados e senadores — se reuniu, ontem, e aumentou a pressão contra o ex-governador paulista, que não esteve no encontro. O partido, porém, não bateu martelo no sentido de abandonar o postulante ao Planalto ou impor uma união com o MDB.

A Executiva decidiu convocar Doria a vir a Brasília, ainda hoje, para uma reunião. Quer que o pré-candidato ouça dos seus correligionários o diagnóstico, apurado ontem, de que a candidatura dele se mostrou inviável para a maioria da cúpula tucana. Assim, espera que o ex-governador tome a iniciativa de abdicar do projeto de concorrer à Presidência, apesar da chancela das prévias da legenda.

“As conversas com o MDB ou com outros possíveis aliados devem continuar, deixando claro que a decisão por uma eventual coligação é da convenção partidária. Mas não podemos superar uma etapa sem ouvirmos o candidato João Doria, vencedor das prévias”, defendeu o deputado federal Aécio Neves (MG), um dos principais opositores do ex-governador paulista na sigla.

Os caciques tucanos só não combinaram o script com o próprio Doria, que não virá a Brasília, segundo fontes ligadas ao ex-governador. O pré-candidato, que ficou em São Paulo monitorando a reunião ao lado do advogado eleitoral Arthur Rollo, não se pronunciou publicamente sobre o resultado da Executiva, mas, ao **Correio**, ele enviou uma breve mensagem: “Vamos evoluir com o diálogo”.

O presidente do partido, Bruno Araújo, informou que continuará à frente das negociações com o MDB no sentido de construir uma candidatura unificada do autodenominado centro democrático. A reunião dos presidentes do PSDB, do MDB e do Cidadania, marcada para hoje, está mantida. É lá que será



As conversas com o MDB ou com outros possíveis aliados devem continuar, deixando claro que a decisão por uma eventual coligação é da convenção partidária. Mas não podemos superar uma etapa sem ouvirmos o candidato João Doria, vencedor das prévias

Aécio Neves (PSDB-MG), deputado federal

apresentada uma pesquisa qualitativa contratada pelas legendas para apurar a viabilidade eleitoral de Doria e de Simone Tebet (MDB-MS), favorita do grupo que apoia a chapa unificada para ser a candidata à Presidência. Mas não haverá definição de nomes enquanto o PSDB não resolver seu problema interno.

Críticas

Dos 38 presentes, apenas sete defenderam a candidatura de Doria: o coordenador da campanha, Marco Vinholi; o ex-governador da Bahia Antônio Imbassahy, o tesoureiro do partido, Cesar Gontijo, e o adjunto dele, Giuseppe Vecci; e os representantes dos núcleos PSDB Mulher (Thelma de Oliveira), Diversidade Tucana (Eduardo de Souza) e Tucanafro (Gabriela Cruz).

O restante não economizou nas críticas, principalmente à carta que Doria enviou a Bruno Araújo, no sábado passado, na qual declara que seguirá como candidato e que, por ter sido escolhido nas prévias do partido, não pode ser descartado pelo grupo dirigente.

“A carta foi um erro político e

MATEUS BONONI/ESTADÃO CONTEÚDO



Bruno Araújo (C) na reunião em Brasília: ele disse que continuará à frente das negociações com o MDB para construir candidatura única

Saiba mais

Candidatura única

Os partidos que tentam construir uma candidatura consolidada na chamada terceira via estão em negociação desde o início deste ano. A frente no centro político continua, além de PSDB, MDB e Cidadania, o União Brasil. Líderes dessas siglas haviam se comprometido, em abril, a lançar candidatura única para servir de alternativa

à polarização entre o petista Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente Jair Bolsonaro (PL).

O movimento — mercado agora pelos embates internos do PSDB — já sofreu uma significativa baixa em 30 de abril. O União Brasil, fusão de DEM e PSL, decidiu lançar o deputado federal e presidente da legenda, Luciano

jurídico”, disse o vice-presidente da legenda, Carlos Sampaio (SP), que abriu a reunião. Ele, até então, mantinha uma postura mais favorável a Doria. Assim como Sampaio, nenhum deputado federal se declarou favorável à atual pré-candidatura tucana.

O secretário-geral, Beto Pereira, contou, na sequência, ter conversado com Doria e afirmou

ao pré-candidato, “olho no olho”, que o apoiou, mas que “agora não dá mais”. Um por um, os participantes foram desafiando o rosário de queixas. Aécio Neves, por exemplo, defendeu o diálogo com o ex-governador, porém no sentido de que ele desista espontaneamente, que “ouça dos seus companheiros que sua candidatura traz prejuízos ao seu partido

em vários estados”.

“O que nós vimos foi que João Doria, nosso candidato a presidente, não teve quase tempo nenhum para se dedicar à campanha por conta de estar o tempo todo sendo pressionado por aqueles que não ganharam as prévias. O que nós vamos falar para nossa militância? Não pode ser assim”, defendeu

» Interesses próprios

O deputado Aécio Neves (PSDB-MG) afirmou que o governador de São Paulo, Rodrigo Garcia, e o presidente do partido, Bruno Araújo, estimularam a candidatura de João Doria ao Planalto com o objetivo de tirá-lo do governo paulista. Segundo o parlamentar, os dois agora querem derrubar Doria porque a rejeição a ele atrapalha o projeto de reeleição de Garcia.

a coordenadora do PSDB Mulher, Thelma de Oliveira, uma das poucas vozes pró-Doria.

Os dois representantes do pré-candidato, Marco Vinholi e Antônio Imbassahy, deixaram a reunião sem falar com a imprensa. A equipe da pré-campanha se reunirá, hoje, com Doria, para traçar os próximos passos desse embate com a cúpula do PSDB.



ALEXANDRE GARCIA

O SUPREMO NÃO É MAIOR QUE A CONSTITUIÇÃO, MAS É MAIOR QUE OS MINISTROS QUE LÁ ESTÃO. O SUPREMO PRECISA SER SALVO DE QUEM O DESGASTA

Salvar o Supremo

Muita gente ficou chocada com a declaração do ministro Alexandre de Moraes, num congresso de juízes, de que a internet deu voz aos imbecis, repetindo Umberto Eco (*O Nome da Rosa*). Ele é o juiz que vai presidir as eleições de outubro, em que a maioria dos eleitores ganhou voz na internet. Antes dele, o atual presidente da Justiça Eleitoral, ministro Fachin, fez uma ironia com os militares que, convidados, apresentaram sugestões para dar mais segurança e transparência às apurações. Depois de recusar as sugestões, ele disse que “quem trata de eleições são forças desarmadas”, desprezando as forças que foram convidadas para a Comissão de Transparência.

E, antes ainda, o ministro Barroso, em Boston, denunciou que as Forças Armadas foram orientadas para atacar as eleições. Nada parecido com o ideal de juízes que vão presidir eleições e deveriam ficar olímpicamente distantes do embate político, eleitoral, ideológico e de paixões. O presidente da República tem sugerido a necessidade de mais segurança e transparência ao processo eleitoral, para mais confiança nas apurações, e feito críticas a ministros. Mas o presidente é um político — e eles são juízes.

Por isso, fico a imaginar se o próprio Supremo vai considerar, à luz da Lei Orgânica da Magistratura, alguma providência para preservar o tribunal. Por

parte do presidente Fux já existe essa preocupação desde que a expressou em seu discurso de posse, dois anos atrás. A Suprema Corte tem sofrido um desgaste diretamente proporcional a decisões que contrariam a Constituição e os ditames do devido processo legal. Fica parecendo com um diretório de partido político e, às vezes, com um diretório acadêmico em véspera de eleição. Como se trata do topo de um Poder, tudo abaixo fica afetado. Até mesmo os estudantes de direito, no seu idealismo pelos princípios da Justiça e do direito.

É essencial um país democrático ter uma Justiça confiável, impessoal e imparcial. Sem isso, não há paz social e desenvolvimento, cuja base é a segu-

rança jurídica. Se num ano eleitoral o juiz que vai presidir a eleição já separa os eleitores entre imbecis da internet e os outros, o que se tem é uma farsa de imparcialidade. O Conselho Nacional de Justiça, que pode julgar juízes, não tem jurisdição sobre o Supremo. Só quem pode fazer isso é o Senado. Mas o presidente do Senado acaba de declarar que “não deixarei o Supremo isolado”. É um caso inédito de o presidente de um poder se mobilizar para proteger o outro, o que tem por consequência abandonar o dever de preservar a Constituição no encargo eventual de processar e julgar ministros do Supremo. Significa justificar sua negativa de encaminhar inúmeros pedidos de sena-

dores, por desrespeito à Constituição. E deixar que o desgaste continue.

Juízes que exigem ser tratados como se estivessem no Olimpo precisam respeitar para serem respeitados. Se prendem, ainda que ilegalmente, os que os desrespeitam, precisam respeitar aqueles que os sustentam com seus impostos, a quem servem — e que acreditam na Constituição. Todos estamos submetidos à Constituição feita em nosso nome. Ela está acima do Supremo, que é um tribunal constitucional, não um tribunal constituinte. O Supremo não é maior que a Constituição, mas é maior que os ministros que lá estão. O Supremo precisa ser salvo de quem o desgasta.